

“UM ESPAÇO A SER OCUPADO”:
EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS PcD NA UNIRIO

“A SPACE TO BE OCCUPIED”:
EXPERIENCES OF PWD STUDENTS AT UNIRIO

Ana Carolina Dias de França¹

RESUMO

Segundo o Censo da Educação Superior de 2021, a população universitária brasileira era composta por cerca de 40 mil estudantes com deficiência matriculados em cursos presenciais de graduação (INEP, 2022). Compreende-se que a inclusão enquanto perspectiva educacional, configura paradigma que se fundamenta na concepção de direitos humanos, tendo como princípio a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior (BRASIL, 2007). O presente artigo tem por objetivo analisar as ações da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) na efetivação das políticas de inclusão vigentes, através da escuta das experiências vivenciadas por estudantes com deficiência em cursos presenciais de graduação. A pesquisa foi desenvolvida através de abordagem qualitativa de caráter exploratório, utilizando como método a entrevista semiestruturada com os discentes alvo do estudo. Através da priorização das vivências dos alunos em contexto universitário, foi possível conhecer as práticas vigentes, e observar que as políticas de inclusão ainda necessitam de ampliação das mesmas, para a criação de um ambiente inclusivo e acessível ao público-alvo da educação especial.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial; Ensino Superior; Estudantes PCD

ABSTRACT

According to the 2021 Higher Education Census, the Brazilian university population was made up of around 40 thousand students with disabilities enrolled in in-person undergraduate courses (INEP, 2022). It is understood that inclusion as an educational perspective configures a paradigm that is based on the conception of human rights, having as its principle the transversality of special education from early childhood education to higher education (BRASIL, 2007). This article aims to analyze the actions of the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO) in implementing current inclusion policies, through listening to the experiences of students with disabilities in face-to-face undergraduate courses. The research was developed through a qualitative approach of an exploratory nature, using semi-structured interviews with the students targeted by the study as a method. By prioritizing students' experiences in a university context, it was possible to learn about current practices, and observe that inclusion policies still need to be expanded, to create an inclusive and accessible environment for the target audience of special education.

KEYWORDS: Special education; University education; PWD students

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

1. INTRODUÇÃO

A sociedade em que vivemos é marcada por grandes violências, apagamentos, silenciamentos e exclusões. Tais questões são o triste reflexo da realidade das pessoas com deficiência em todos os aspectos de sua vida. A partir desse enfoque compreende-se que a escolarização, como uma das muitas intersecções de desenvolvimento dos indivíduos, não poderia ser encarada de maneira distinta.

Considerando-se a trajetória própria das pessoas com deficiência rumo à participação plena na sociedade, questiona-se: onde estão os estudantes com deficiência no ensino superior? Esses espaços estão sendo habitados por estas pessoas? Qual tem sido a experiência destes indivíduos com os níveis mais elevados de ensino?

Durante muitos séculos a educação como um todo, e a educação superior em especial se tornaram espaços cada vez mais seletos e povoados por uma “sociedade de iguais”, onde as elites dirigentes do país formavam os seus descendentes que deveriam substituí-los na manutenção da ordem social, política e econômica. A história da Universidade exemplifica essa questão, pois apesar de partirem da lógica de manutenção das elites, essas instituições foram sendo palco de debates e embates sociais até a contemporaneidade, e tem mudado continuamente sua composição.

Criadas para formar uma elite aristocrática, depois complementadas por uma elite de mérito, elas irão sofrer mutações através dos tempos e se adequando às novas condições impostas pela realidade. [...] Pensadas para formar então os filhos da burguesia, logo elas serão pressionadas a atender os reclamos de uma mobilidade social dos filhos da classe média [...] (WANDERLEY, 1987)

Apesar desta estratificação do ensino, algumas medidas foram tomadas para garantir a inserção de grupos sociais historicamente excluídos dos contextos educativos em todos os níveis (JANNUZZI, 2012), mesmo que no Brasil os debates acerca da educação de crianças com deficiência como um direito de todos, tenha se consolidado relativamente “tarde” pois convergiu com as demandas da redemocratização pós-regime militar. Vale ressaltar que o Brasil possuía algumas ações isoladas do governo a fim de prestar alguma assistência às crianças com deficiência, por exemplo, com a criação do Imperial Instituto de Meninos Cegos (atual Instituto Benjamin Constant) e o Instituto dos Surdos-Mudos (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos), ambos na cidade do Rio de Janeiro, no século XIX. Porém, nada ainda havia sido feito para garantir a plena participação do indivíduo em todos os níveis de ensino, afinal, se esse indivíduo aprendesse algo já estaria de “bom tamanho”, sendo uma característica marcante do

atendimento à pessoa com deficiência, a filantropia, a caridade e uma ausência de políticas de Estado.

Partindo desse viés, o presente artigo tem por objetivo analisar as ações efetivas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), na inclusão de estudantes com deficiência nos cursos de graduação. Neste trabalho, o enfoque será a experiência dos estudantes PcD enquanto habitantes do ambiente universitário, a partir da análise dos resultados obtidos através de uma pesquisa monográfica, desenvolvida no interior da universidade lócus da pesquisa durante o ano de 2022.

2. METODOLOGIA

Tendo como foco o reconhecimento desses estudantes e suas realidades, a metodologia elegida para dar prosseguimento ao estudo foi a pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que utiliza a ferramenta de entrevista com discentes, público-alvo do objeto estudado, para a construção do debate sobre o tema com os relatos das próprias experiências vivenciadas.

A pesquisa qualitativa é útil para trabalhar com conceitos e fundamentos relevantes de determinadas situações. Entretanto o que a distingue primordialmente da pesquisa quantitativa é que a pesquisa qualitativa trabalha com questões difíceis de quantificar, tais como os sentimentos, as emoções, as decepções, as motivações, as crenças e os comportamentos dos indivíduos ou de uma coletividade. (BALDIN et al, 2014)

Como forma de coleta de dados, compreendendo-se que o participante traz contribuições para a pesquisa que são inesperadas para o pesquisador; e que este não é detentor de todas as possibilidades de análise e percepção acerca do tema, escolheu-se o método da pesquisa semiestruturada. Esta modalidade de pesquisa procura considerar a capacidade de reflexão do entrevistado acerca do tema exposto (BALDIN et al, 2014).

Como sustenta Duarte (2002), a entrevista qualitativa não prioriza a quantidade de entrevistas, mas sim a qualidade das falas, assim como a profundidade e o grau de recorrência e divergência destas informações. Desta forma pesquisou-se as ações da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a partir de entrevistas com os estudantes com deficiência regularmente matriculados nos cursos de graduação da universidade, durante o período de desenvolvimento do estudo.

Para que fosse possível dar prosseguimento à presente pesquisa, foi preciso submeter a proposta ao Conselho de Ética da UNIRIO, segundo os critérios estabelecidos pela Plataforma

Brasil para pesquisas com seres humanos, a qual obteve aprovação. Os questionários utilizados na pesquisa foram desenvolvidos pela pesquisadora, somente para uso neste estudo durante as entrevistas com os estudantes da UNIRIO.

A pesquisa efetivou-se através de entrevistas realizadas de maneira virtual, utilizando a plataforma Google Meet. O questionário endereçado aos discentes dispunha de 39 questões, acerca de seu Perfil Socioeconômico, Trajetória Escolar e Trajetória na UNIRIO. Cabe destacar que as especificidades de cada estudante foram consideradas durante a realização das entrevistas, através do usufruto de tecnologias assistivas já utilizadas pelos mesmos nas suas aulas durante o período de ensino remoto.

Partindo de uma proposta de entrevista semiestruturada que, como afirma Minayo (2008), facilita a abordagem devido à possibilidade de abordar todos os temas de interesse da pesquisa. O ponto de partida se dá com a apresentação do aluno e sua trajetória educacional. Suas reflexões, considerações e realizações, apresentadas ao longo da entrevista, serão tomadas como base para a criação de temas geradores que, através de uma análise do discurso, nos ajudarão a compreender a visão do entrevistado frente a sua trajetória no Ensino Superior.

A partir da separação desses dados foi possível observar as similaridades e disparidades na trajetória escolar dos estudantes alvo das políticas de inclusão; bem como avaliar se há semelhanças em suas narrativas de experiência dentro da UNIRIO, seus desafios, dificuldades e ganhos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO

A fase inicial do questionário (Questões de 1 a 9) se destinava a compor um perfil socioeconômico dos estudantes entrevistados, e assim obter um perfil do alunado da educação especial da UNIRIO, considerando tanto os fatores sociais quanto os econômicos na formação da identidade humana como um todo, afetando de igual modo as pessoas com deficiência. Os discentes participantes foram identificados com a letra D e um número de 1 a 12, a fim de manter a identidade dos mesmos preservada.

Para fins de compreensão da amostra que utilizamos na pesquisa, seguem os dados referentes ao quantitativo de alunos de graduação na UNIRIO no ano de 2022, na modalidade presencial; o quantitativo de alunos com deficiência e o percentual correspondente de alunos atingidos pelas políticas de inclusão da UNIRIO, bem como o total de participantes da pesquisa.

Tabela 1 - Alunado da UNIRIO na modalidade presencial

Total de alunos de graduação da UNIRIO	Total de alunos com deficiência da UNIRIO	Percentual de alunos incluídos na UNIRIO	Total de alunos participantes da pesquisa
11.897	211	1,6%	12

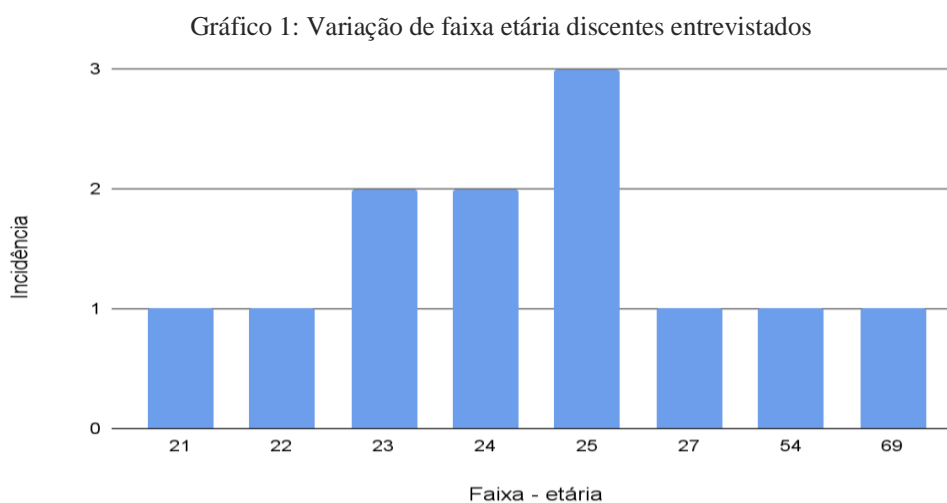
Fonte: Diretoria de Avaliação e Informações Institucionais UNIRIO (DAINF), 2022.

É possível observar que os estudantes da UNIRIO, considerando Graduação e Pós-graduação stricto sensu, chegam a quase 11.900 alunos, abrangendo os que estão cursando, matrícula trancada e formandos. Já o número de alunos com deficiência totaliza 211 matrículas, onde destes, 199 estão matriculados nos cursos de graduação. Nota-se que o percentual de alunos público-alvo da Educação Especial na UNIRIO, totaliza menos de 2% (1,6%) dos estudantes da instituição, dentre estes.

Quando considerado apenas o universo dos alunos público-alvo da educação especial (PAEE), o quantitativo de estudantes participantes da pesquisa, em relação ao total de estudantes incluídos nos cursos de graduação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, totaliza apenas 5,7% destes.

3.1.1 Faixa etária, gênero e raça

Olhando para o corte faixa etária (Questão 1), é possível observar uma prevalência de jovens entre 20 e 25 anos (75%), sendo a média de idade dos entrevistados 30 anos. No gráfico abaixo é possível observar a variação de faixa etária entre os entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora, 2022

Em relação a gênero (Questão 3), nota-se uma acentuada presença feminina, onde a maior parte dos estudantes se declarou mulher cisgênero (66,7%). No que se refere à orientação sexual (Questão 4), 75% dos respondentes se declararam heterossexuais.

No tocante a cor ou raça, foi possível observar uma prevalência de brancos (58,3%). Os que se declararam negros correspondem a 41,7%, sendo 16,7% pardos e 25% pretos.

3.1.2 Composição familiar e renda

A partir das questões sobre composição familiar (Questões 6 e 7), observou-se que grande parte dos discentes reside com a família nuclear, (mãe/pai, irmãos, madrasta/padrasto e/ou companheiros) (91%), sendo um elemento presente em grande maioria das respostas a exclusividade da figura materna (41,6%). Apenas 2 entrevistados afirmaram ter filhos, e um discente afirmou morar sozinho.

No que tange à renda (Questão 8), foi questionado aos participantes qual era a renda do grupo familiar somado, calculado em salários mínimos. Observou-se uma prevalência de estudantes que afirmavam possuir uma renda de até 1,5 salários mínimos (41,6%), seguido de 33% que declararam possuir entre 4 e 5 salários mínimos. Um discente declarou não saber responder a referida questão.

3.1.3 Da deficiência

Para compor um quadro mais completo sobre o perfil dos estudantes pesquisados, buscamos compreender como a questão da deficiência se apresenta em suas vidas. Portanto, a questão número 2 buscava observar a deficiência a partir da definição dos mesmos. Em um primeiro momento, objetivamos responder à pergunta: como se definem? Compreende-se que as definições são variáveis e acompanham seu tempo histórico, bem como as diferenças entre as concepções médico e social da deficiência. Através das respostas dos discentes foi possível agrupar a tipologia das deficiências relatadas, como observado na tabela a seguir:

Tabela 2: Incidência das deficiências apresentadas pelos discentes

Tipologia das deficiências	Quantitativo de Discentes
Deficiência Física	2 (D2, D11)
Deficiência Visual: Cegueira Total	4 (D1, D5, D6, D8)
Deficiência Visual: Visão Monocular	1 (D7)
Síndrome Rara	3 (D9, D10, D3)
Deficiência Múltipla	1 (D4)
Transtorno do Espectro Autista	1 (D12)

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora, 2022

Pudemos observar a partir do resultado supracitado, que houve uma prevalência de discentes com Cegueira Total (4 respostas), e Síndromes Raras (3 respostas). Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2021, no Brasil naquele ano, ingressaram 10.955 PcD no Ensino Superior em cursos presenciais de graduação; com a região sudeste totalizando 4.254 ingressantes PcD. O total de matrículas em cursos presenciais de graduação supera 40 mil matrículas em todo país (INEP, 2022).

Dessa forma, partindo da compreensão das singularidades das experiências dos discentes, no que tange à definição de sua deficiência, percebem-se diferenças entre o momento em que a questão da deficiência se apresentou na vida dos entrevistados. Durante a aplicação das entrevistas foi possível observar uma maioria de discentes que já apresentava sinais de nascimento (75%), enquanto 25% afirmaram ter desenvolvido os sintomas após o período da infância.

Importa ressaltar que embora apenas três entrevistados tenham apresentado sinais/desenvolvimento da deficiência após a fase infantil, somente um relatou possuir uma deficiência proveniente de fatores externos. Embora os demais entrevistados tenham relatado um desenvolvimento tardio da deficiência, todos apresentavam fatores intrínsecos (predisposição genética), ainda que desconhecida em um primeiro momento, sendo possível identificar dois discentes que relataram ter recebido diagnóstico tardio da deficiência.

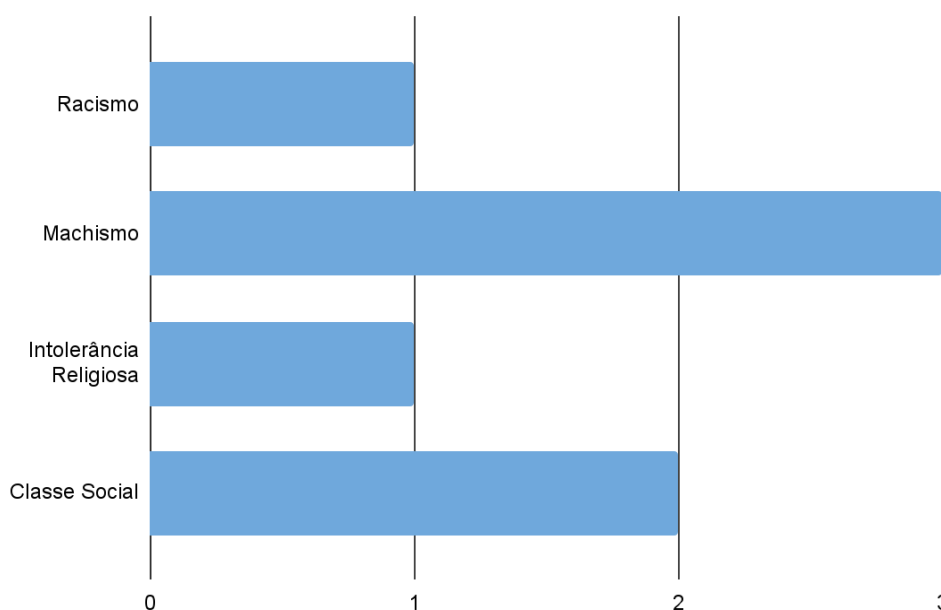
3.1.4 Discriminação

Uma característica marcante da experiência das pessoas com deficiência ao longo da história, é a presença das exclusões, discriminações e preconceitos contra essas pessoas. Segundo o

Glossário de Acessibilidade da Câmara dos Deputados, a maneira de referenciar-se ao preconceito contra pessoas com deficiência é através do termo Capacitismo; que vem a ser “ato de discriminação, preconceito ou opressão contra pessoa com deficiência (CÂMARA DOS DEPUTADOS,[s.d])”. Desse modo, é possível observar uma lógica capacitista intrínseca ao tecido social, que caracteriza indivíduos como ‘aptos ou não aptos’ a partir de suas características físicas e/ou psicológicas. Como explica Mello (2020), “quando uma pessoa não enxerga com os olhos, não ouve com os ouvidos e não anda como um bípede, ela é lida como “deficiente” e passa a ser percebida culturalmente como ‘incapaz’[...]”. Entende-se dessa forma, que a leitura social da deficiência carrega em si mais um elemento que se coloca entre o sujeito e seu direito de estar, pertencer e participar pleno em sociedade.

Considerando esse aspecto, foi questionado aos entrevistados se identificavam em suas trajetórias de vida esse traço tão marcante historicamente e socialmente (Questão 9).

Gráfico 2: Discriminação e preconceito



Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Foi possível observar que 7 discentes afirmam ter sofrido outros tipos de preconceito que não o capacitismo, como machismo e racismo. A presença do capacitismo, no entanto, é marcante nas falas dos discentes, pois todos os participantes afirmaram já ter passado por algo nesse sentido, inclusive no ambiente escolar, durante seu percurso educacional.

3.2 TRAJETÓRIA NA UNIRIO

3.2.1 Ingresso na UNIRIO, Autonomia e Auxílio dos colegas

O tornar-se universitário ganha contornos divergentes das demais etapas escolares, pois traz em seu bojo uma busca por autonomia, desenvolvimento profissional e vocacional, bem como todas as alterações decorrentes da inserção no contexto acadêmico (CASANOVA, ARAÚJO & ALMEIDA, 2020).

Desse modo entende-se que a constituição dos indivíduos é composta por uma multiplicidade de viés, não podendo ser limitada, dada a singularidade das experiências dos indivíduos através dos tempos. Segundo Castells identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo” e pode ser definida por:

Processo de construção de significado com base em um atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados os quais prevalecem sobre outras fontes de significado para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo; pode haver identidades múltiplas. (CASTELLS, p. 54, 2018)

Partindo de tais percepções, nos interessa saber os impactos destas e outras mudanças concernentes ao Ensino Superior no que se refere aos estudantes com deficiência dentro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Nesta seção apresentaremos as temáticas: Ingresso na UNIRIO, Autonomia e Auxílio dos colegas.

O ingresso na Universidade se constitui como mais um elemento na composição do perfil do alunado do público-alvo da educação especial na UNIRIO. Buscou-se compreender o momento histórico em que se matricularam, se foram ou não beneficiados pela política de cotas para pessoas com deficiência e a qual Campus pertencem (Questões 27,28 e 29), a fim de que fosse possível identificar a área de maior concentração dos estudantes dentro dos diversos campi da instituição.

A partir dos dados analisados na pesquisa, foi possível observar uma maior prevalência de matrículas entre os anos 2018 e 2019, com concentração maior no campus Centro de Ciências Humanas e Sociais (33%), seguido pelo Instituto de Biociências e o Instituto Biomédico, ambos com o mesmo percentual de estudantes (16%).

Tabela 3: Ano de ingresso e campus dos discentes pesquisados

Discente	Ano de ingresso	Campus
D1	2018	Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS)
D2	2019	Campus Urca, 296
D3	2018	Instituto Biomédico (IB)
D4	2016	Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS)
D5	2018	Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS)
D6	2022	Centro de Ciências Jurídicas e Políticas (CCJP)
D7	2019	Centro de Letras e Artes (CLA)
D8	2018	Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS)
D9	2017	Instituto Biomédico (IB)
D10	2019	Centro de Ciências Jurídicas e Políticas (CCJP)
D11	2017	Instituto de Biociências (IBIO)
D12	2020	Instituto de Biociências (IBIO)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022

No que tange às formas de ingresso, a Lei 12.711/2012 estabelece a política de reserva de vagas em instituições federais de ensino superior e técnico de nível médio, determinando em seu artigo 3º que “Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação”. Durante a pesquisa, foi possível constatar que 83% dos discentes entrevistados ingressaram na Universidade por meio da Política de Cotas, enquanto apenas dois não as utilizaram.

O ingresso na Universidade, desse modo, ganha novo tónus quando consideradas as particularidades dos estudantes, o momento do ingresso e a relevância que os mesmos dão a esse ascender a um curso de graduação.

Como foi possível observar, a grande maioria dos entrevistados são jovens e jovens adultos, logo, consideramos a juventude como mais uma peça na composição da interseccionalidade de sua identidade de pessoa com deficiência, estudante do ensino superior. Uma vez que a juventude enquanto categoria social característica do período moderno, encontra em sua gênese a busca por autonomia, independência e liberdade (PAPPÁMIKAIL, p. 403, 2010); compreende-se que o jovem PcD não está inerte a essas expressões, construindo formas de ser e estar no mundo singulares.

Dessa forma, entende-se por autonomia “a capacidade do sujeito decidir e agir por si mesmo, com o pressuposto de que o desenvolvimento e a aquisição desta habilidade sofrem a influência do contexto em que o jovem se desenvolve” (REICHERT, WAGNER, p. 408, 2007).

A partir das respostas dos discentes foi possível observar um desenvolvimento crescente de sua autonomia, desde seu contexto familiar até a chegada no ensino superior; o que foi constatado quando questionados sobre a relevância de seu ingresso na universidade em suas vidas (Questão 30).

Pra mim é um motivo de muito orgulho, porque eu sou o primeiro da minha família a conseguir ingressar numa universidade pública né, e antes, antes da minha geração, ninguém havia conseguido chegar à universidade. Então pra mim é um motivo de muito orgulho. É uma vitória muito grande, né? (D1 - Deficiência visual: Cegueira Total)

Hoje para mim é uma chance de ser alguém na vida. É uma chance de eu mudar o meu destino assim... a minha vida... é uma oportunidade que eu tenho né? (D2 - Deficiência Física)

Realização de um sonho, adquirir conhecimentos, resgatar o tempo perdido, poder deixar um legado para os jovens. Ser útil de alguma maneira. (D8 - Deficiência Visual - Cegueira Total)

Eu acho que até o momento é a maior conquista da minha vida, levando em conta que eu venho de uma família extremamente pobre, muito pobre. Eu sou o primeiro assim, dentre todos os familiares que eu conheço, a entrar pra uma universidade, sendo ela pública melhor ainda. Tanto pelo fato de eu não precisar pagar, quanto pela qualidade do ensino. (D11 - Deficiência Física)

Ainda nessa questão, buscamos compreender a motivação pela qual escolheram, entre tantas instituições, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro para prosseguir em sua jornada acadêmica. UNIRIO por quê?

Eu escolhi a UNIRIO por comentários de pessoas que possuem deficiência visual também e disseram que é melhor do que a UFRJ em alguns aspectos, como por exemplo o acolhimento. E também porque eu queria muito continuar na rede federal. Eu já estive na [escola especial], e no [instituto federal], depois eu quis continuar numa Universidade Federal. (D5 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

Assim... de custo né, não ter que pagar nada. Eu queria alguma faculdade que eu não tivesse custo, sem pagar mensalidade, pública. Porque eu ainda fiz a particular, mas eu tinha que pagar mensalidade todo mês, e na UNIRIO pra mim foi bem melhor, em relação a não ter preocupação em arcar com o custo. Eu sou guerreira, viu? Eu acho que o nome também... O peso do nome, de ser uma faculdade federal. Pra quem é mais novo, eu acho que ter isso aí no currículo dá mais chances. (D10 - Síndrome Rara)

Então, eu não queria a UFF por ser muito longe para mim, ia ser inviável ir pra UFF. A UFRJ, eu ia me matar, indo para a UFRJ todo dia, porque é muito grande. Não dá pra mim. Eu acabei ficando entre a Rural e aqui [UNIRIO]. E na Rural com o curso de medicina veterinária, e na UNIRIO com Biomedicina. Porque aí é uma questão muito grande, porque o problema na Rural era o mesmo da UFRJ: que eu não aguentaria a rotina, a falta de estrutura. Lá não tem como, definitivamente... O povo fica andando de bicicleta para cima e para baixo entre um campus e outro. Então eu posso dizer, resumindo, que foi a estrutura, o suporte né? Que por mais que tenha, mas seja precário em algumas coisas, está ausente nas outras universidades. Ausente é uma palavra muito forte. Mas é bem reduzido comparado a UNIRIO. (D3 - Síndrome Rara)

É possível observar nas falas dos entrevistados, uma grande sensação de orgulho vinculado ao fato de ascenderem ao Ensino Superior, bem como uma análise de todas as barreiras que enfrentaram para chegar ao sonho da Graduação, que se estende para além de sua condição de PcD, e chega a seus níveis sociais e econômicos, entre outros. Percebe-se como a UNIRIO enquanto instituição se constitui na materialização dessa realização, expandindo horizontes, trazendo oportunidades e diminuindo desigualdades na vida desses sujeitos.

A autonomia se constitui, dessa forma, como um eixo central de composição dos sujeitos, da qual não se excluem os sujeitos com deficiência. Para que haja a possibilidade de escolher por si mesmo e exercer sua cidadania, é preciso haver um conjunto de condições favoráveis para que isto ocorra sem causar exclusões para as pessoas com deficiência.

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015), pode-se definir barreira como

qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros (BRASIL, 2015)

A LBI ainda classifica, além das barreiras urbanísticas, arquitetônicas e atitudinais, outras como: barreiras nos transportes, nas comunicações e informações, e/ou tecnológicas.

Ademais, configuram objetivos da República Brasileira: a cidadania; a dignidade da pessoa humana (Art. 1º), e o direito à educação em quaisquer níveis e modalidades (Art. 206).

Entende-se que para gerar uma cultura inclusiva é necessário não apenas produzir vagas, e sim proporcionar um ambiente que acolha o indivíduo em sua integralidade, enquanto integrante do espaço universitário, em igualdade de oportunidades com os demais discentes. A instituição de ensino tem como obrigação legal e ética, priorizar em seu fazer acadêmico práticas que derrubem as barreiras que se interpõe entre o estudante PAEE e o aprendizado e fruição do ambiente universitário.

A pesquisa, nesse ínterim, buscou compreender através das entrevistas com discentes, qual a experiência relativa à sua autonomia enquanto alunos da UNIRIO; da tomada de decisões, acesso a informações e espaços, bem como livre trânsito na instituição. A partir da observância da lei supracitada, identificamos que tanto as barreiras físicas (arquitetônicas e urbanísticas), como também as barreiras atitudinais e comunicacionais, geram impacto na vida da pessoa com deficiência. As questões 33 e 34 buscavam captar quais destas barreiras estão presentes na vida acadêmica dos estudantes PAEE da UNIRIO.

A fim de se compreender como a questão da autonomia se apresenta na vida dos discentes, em primeiro lugar buscamos obter informações sobre os equipamentos ou suportes utilizados pelos discentes para sua locomoção, onde foi possível constatar que 41% dos discentes utilizavam bengala, 16% utilizavam cadeira de rodas e 25% não faziam uso de nenhum equipamento. Dois discentes afirmaram fazer uso de muleta e órteses respectivamente.

A partir desse conhecimento foi questionado aos estudantes sua percepção sobre o acesso aos espaços oferecidos pela universidade como salas de aula, banheiros, bibliotecas, setor administrativo, restaurante ou cantina, auditórios entre outros. Indagamos: você sente que tem total acesso aos espaços oferecidos pela universidade?

Não, não, é uma tragédia, é uma tragédia. Na UNIRIO, existem tanto as barreiras arquitetônicas, quanto barreiras físicas e estruturais. É muito difícil. Ali eu estudo no CCH, que tem as rampas e que facilita muito, mas não tem piso tátil, por exemplo. Os banheiros supostamente pra pessoas com deficiência, eles são quebrados, as portas são quebradas, não tem segurança, não tem limpeza nos banheiros. O banheiro... não existe um banheiro próprio pra pessoa com deficiência. Existem as cabines dos banheiros comuns e essas não são respeitadas né? Existem locais na UNIRIO por exemplo, se eu não me engano é no CLA, que o elevador praticamente nunca funciona e ele só tem escadas. Então pra uma pessoa com um tipo de problema de locomoção, vai ter muita dificuldade de chegar. A UNIRIO também possui espaços muitos esburacados, pedra no caminho... Os locais de entrada na UNIRIO são muito inacessíveis também, sem piso tátil. A gente precisa da ajuda dos guardas, né? [...]
(D1 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

Nem um pouco. Assim, ainda mais no IB, não sei se você conhece, mas é um prédio bem antigo, quase caindo aos pedaços. Não tem nem elevador. Uma vez eu fiquei presa no sétimo andar, porque eu subi pra assistir aula e aí eu tinha aula depois e o elevador parou do nada. O professor teve que subir e descer comigo nas costas. Lá na Urca era até um pouco melhor a questão do prédio. Tem elevador, o prédio tem rampas. Você entra pro prédio, e era um pouco melhor, mas lá fora no campus a situação já é um pouco mais complicada. A questão do piso, do chão. Eu sempre usava o bandeirão nos primeiros anos, sempre usava o restaurante. E aí o restaurante ainda tem aquela escada; eu só podia ficar lá embaixo. (D9 - Síndrome Rara)

Não. Pra andar lá na UNIRIO, dificilmente dá pra andar sozinho. Então tipo assim quando tem um lugar que não consegue andar sozinho, eu digo que não tenho total acesso. Sempre tem que ter ajuda de alguém. O máximo que eu consigo é chegar na sala de aula, às vezes sozinha. Às vezes. Nem sempre. É muito ruim você precisar sempre de um auxílio pra conseguir chegar nos lugares, né? E tanto na sala de aula também, como pra querer ir no banheiro e essas coisas, não dá pra sair sozinho, então sempre tem que pedir alguém, isso deixa desconfortável. (D5 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

Não né, a gente não tem uma coisa apropriada. Fica até chato porque eu, eu me viro nos 30. Tem uma coisa que, o que a UNIRIO não tem de acessibilidade, ela ganha no fator humano, ali em Ciências Sociais. Aqueles rapazes ali da segurança, eles são maravilhosos, então eu nunca senti dificuldade porque mal eu chego na porta já tem um me dando o braço, subindo, me levando pra sala de aula. Então esse fator humano há de ser reconhecido, eu sempre vou reconhecer isso, entendeu? Então eu não senti falta de um piso tátil, sabe... não senti falta disso. Sempre teve alguém pra me ajudar, até os próprios colegas. [...] (D8 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

Só tem um lugar na no campus da UNIRIO que eu gostaria de ter acesso e não consigo, que é o segundo andar do bandeirão. Sim, eu acho que eu tenho [acesso]. Eu não diria pleno porque pra ser pleno eu teria que ter total conforto, pra ir de um lugar a outro na medida do possível. Eu não tenho total conforto. [...] (D11 - Deficiência Física)

As observações que os estudantes fazem do espaço físico da Universidade, onde descrevem dificuldade de acesso aos espaços, bem como livre trânsito nos diversos campi da instituição, sinalizam a necessidade de escuta daqueles que estão, dia após dia, usufruindo do espaço público e precisam ter a igualdade de condições posta em prática. Suas respostas no que tange a acessibilidade física da instituição, vão de encontro à legislação vigente (Lei 13.146/2015), que prevê em seu Artigo 28 “XVI - acessibilidade para todos os estudantes, trabalhadores da educação e demais integrantes da comunidade escolar às edificações, aos ambientes e às atividades concernentes a todas as modalidades, etapas e níveis de ensino”. Logo, fica evidente a responsabilidade das instituições em promover ambientes inclusivos e acessíveis para todos os estudantes, a despeito de quaisquer características individuais que possuam.

Ademais, durante a realização das entrevistas, chama atenção relatos como o do já citado discente D8 que afirma que “Sempre teve alguém pra me ajudar, até os próprios colegas”. A presença marcante do auxílio de outros discentes durante seu percurso educacional aparece em

33% dos relatos, onde os discentes pontuaram a presença de amigos e colegas de turma como fator determinante para sua locomoção, apropriação do conteúdo das aulas, e até mesmo contato com o material.

Eu sempre, sempre, de maneira primordial, recorria aos meus colegas, meus amigos de fato da faculdade. Por exemplo, eram eles que me acompanhavam até que eu pudesse pegar o ônibus e tudo mais, demandas estruturais e tudo mais. Quando eu digo em questão de prova assim, quer dizer questão de sala de aula mesmo. De estar mais à frente do quadro, de quando é um vídeo estar mais perto do vídeo, ou fazendo transcrição de alguma coisa que esteja passando num slide, que são sempre aquelas imagens horróricas[...] (D4 - Deficiência Múltipla)

Porque, se não fossem meus amigos na universidade, seria difícil conseguir vários materiais. E até mesmo fazer provas (D5 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

Nota-se que a acessibilidade não se restringe ao acesso aos prédios e espaços escolares, mas se amplia para a aquisição e apropriação do conteúdo das aulas. Uma vez que os discentes com deficiência tenham limitados seu acesso aos espaços em amplos contextos formativos e informacionais, sua autonomia enquanto estudantes será comprometida, impedindo assim, seu pleno desenvolvimento acadêmico.

3.2.2 Atendimento pela Universidade, sugestões dos estudantes e não discriminação

O atendimento, nesse íterim, desponta como um meio pelo qual os estudantes são percebidos pela Universidade. Desse modo questiona-se: qual o atendimento recebido? Em que momento ele chega? As demandas dos discentes PAEE são atendidas?

Quando perguntados sobre o atendimento recebido durante o ingresso, a grande maioria dos discentes afirma que não recebeu nenhum atendimento durante o seu ingresso na instituição. Aqui fazemos diferenciação entre *atendimento* e *contato*, pois muitos estudantes relataram ter recebido um e-mail da Universidade convocando-os para a realização da matrícula; no entanto, isso configura uma comunicação que apesar de institucional, não tem como objetivo apresentar-se aos novos estudantes nem oferecer orientação e/ou acolhimento durante esse momento de chegada na instituição.

No momento da matrícula a gente conversou com uma assistente social. A gente passou por um uma perícia médica para comprovação da deficiência, e a gente conversou com uma assistente social ali uns dez minutinhos e tal. E foi isso. [...] Mas assim não houve nenhum tipo de auxílio, específico, né? Assim, "olha, você vai chegar na UNIRIO, e qualquer coisa, qualquer problema, você procura 'tal setor'". "Olha, você tem tal direito". "Aqui a gente tem tais programas". Isso não houve, não. (D1 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

Por ser pessoa com deficiência não. Avisaram: "você tem que ir lá no Teatro fazer matrícula". Foi só isso (D4 - Deficiência Múltipla)

Até agora sim, a [profissional] tá me dando suporte. A pedagoga lá da UNIRIO. Ela é da direção. (D6 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

Não. Eu acho que deve ter tido ali naquele e-mail, sabe? Normal, né? Deve ter sido... E tipo assim, eu também, na hora que eu entrei, que eu entrei na UFF também. O atendimento de lá é tipo, totalmente diferente; lá é muito mais... Na UNIRIO eu sinto que não tem inclusão, assim tipo... na UFF não, na UFF, lá eu acho que o acolhimento é bem grande. Eles mandam e-mail, lá a banca é mais organizada, eu fui muito bem tratada lá. (D7 - Deficiência Visual: Visão Monocular)

O que eu recebi ... o que eu tive de contato com a UNIRIO ao entrar foi: eu precisava preencher a documentação da matrícula. (D11 - Deficiência Física)

Não obstante, questionou-se acerca das demandas destes estudantes (Questão 35); a quem recorrem quando necessitam, e se encontram o que procuram, a resolução de suas questões. Foi possível identificar que os discentes, quando buscam auxílio, recorrem principalmente aos professores, à Coordenação do Curso, e aos colegas.

Quando era prova, é porque normalmente, normalmente não, mas muitas vezes, as provas são perguntas no quadro, né? Que você copia e responde, mas tem outros professores que preferem a prova escrita de fato como... de maneira arcaica né, [como] no colégio. Então isso eu sempre demandava que fosse ampliado e tudo mais. Eles sempre faziam. Quando tinha uma prova que não estava ampliada, eu falava "professora, essa prova não vou fazer", e aí eles davam o jeito deles, ou eles liam e eu escrevia no papel, ou eles iam na xerox ampliar a prova e tudo mais, e aí eles se viravam, mas na grande maioria das vezes [contava] com os meus colegas sim, com os meus amigos. Acho que nunca procurei uma instância. Quando eu conheci o coletivo Inclusive, já tava no meio da pandemia. (D4 - Deficiência Múltipla)

Então, eu não sei a quem recorrer. Eu não sei em quem recorrer. Eu tento conversar, quando é relacionado a alguma questão pedagógica, eu tento conversar com o professor da disciplina; mas eu não sei exatamente assim, a quem eu posso recorrer e como essa pessoa pode me ajudar. (D1 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

D2: Olha eu nem sei dizer, eu acho que eu nunca recorri a nada disso de verdade, por eu tipo, não ter conhecimento dessas coisas, nem saber se eu poderia recorrer de alguma forma. [...]

Pesquisadora: Nunca pediu ajuda para nada?

D2: Não, não.

Pesquisadora: Por que você não precisou? Ou por que você não sabia a quem recorrer?

D2: Acho que um pouco dos dois... Tipo, não digo que eu sou uma pessoa totalmente ... que toda hora precisa, a todo momento, de algum tipo de auxílio. Mas também eu acho que se eu tivesse, eu também não saberia para onde recorrer não. (D2 - Deficiência Física)

Quando tem esse tipo de demanda é sempre a coordenação ou a direção. Quando é coordenação do curso, eu às vezes consigo resolver alguma coisa. Aí quando é em relação a outra coisa, eu não sou respondido mais nunca. Me lembro de ter ido na coordenação física e não resolvi nada. (D12 - Transtorno do Espectro Autista)

Eu geralmente mando e-mail pra Secretaria do meu curso, eles me respondem bem rápido e até agora não tenho o que reclamar. Solucionam. (D10 - Síndrome Rara)

Eu vou mais na coordenação do curso pra ver o que eles podem me oferecer, fazer. De certa forma, sim (D9 - Síndrome Rara)

Observa-se a partir das falas das entrevistas, um grande desconhecimento por parte dos discentes no que tange às instâncias da instituição às quais pudessem recorrer caso se fizesse necessário, visto que pelo menos 33% nunca pediu auxílio ou não sabe onde ir caso se faça necessário.

Nesse ínterim questionou-se aos estudantes que ações a UNIRIO deveria empregar a fim de atender os discentes de maneira mais eficaz em suas necessidades (Questão 38). Em quais aspectos a Universidade poderia ser mais útil a eles em seu processo formativo? Que melhorias sugerem para a instituição?

Eu acho que se eles realmente tivessem esse contato que você mencionou aí, se eles procurassem saber mais se eu realmente tenho a necessidade de alguma ajuda, e tipo evidenciasse, né, que... de que lá tem algum tipo de suporte para isso, né? Porque eu mesmo... como eu acabei de dizer, não sabia que lá tinham ouvidoria, alguma coisa assim, então acho que se eu tivesse passando por algum problema eu não ia saber para onde recorrer mesmo. (D2 - Deficiência Física)

Me dando mais suporte, pelo menos tendo mediador pras matérias. Ajuda né? Se tiver mediador pra me acompanhar as matérias porque está difícil. Eu não consigo acompanhar as matérias sem mediador. Uma pessoa que me dê suporte nas explicações na minha turma. (D6 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

Na questão de acessibilidade do Campus mesmo, assim, porque lá no IB o prédio é velho, né? E aí tem alguns laboratórios que eu não consigo entrar e ter aula. E o professor precisa mudar o laboratório, sabe? Para que eu consiga participar da aula também, e assim eu entendo que eu tive aula sabe, mas eu deveria ter um acesso a.... Conseguir ter acesso aos laboratórios de um modo geral, sabe? Acho que é isso. Mas de resto, não é que seja a melhor forma, mas eu ainda consigo seguir com a graduação. (D9 - Síndrome Rara)

Sendo acessível em questão de alimentação, questão de iluminação, questão de conexão com a própria instituição, porque eu não consigo falar com a coordenação. Eu poder ter meu convívio social, porque quando tem evento não posso, porque quando eu quero não dá, o evento não existe. E claro, como eu sei que eu não sou a única pessoa existente no mundo, deveria ter acesso pra todo mundo. Porque até hoje não vi nenhuma parada da universidade fazendo conscientização sobre nós, em nenhum momento. Nem nunca teve esses debates. (D12 - Transtorno do Espectro Autista)

É perceptível nas falas dos discentes que seu processo educacional seria facilitado através da implementação de ações com vistas à derrubada de barreiras atitudinais, urbanísticas e arquitetônicas presentes na instituição; como também a melhora nos processos de acolhimento de novos estudantes, informações sobre os setores responsáveis pelas questões de interesse da PcD na UNIRIO. Os discentes identificam a necessidade de formação discente e docente a fim

de se criar uma cultura inclusiva, trazendo informações para todo o corpo acadêmico e não apenas para o profissional que está diariamente em sala de aula.

A partir do exposto, compreende-se que a experiência discente se estende para aspectos mais subjetivos no que tange às relações interpessoais. Baseando-nos no artigo 4º da Lei 13.146/2015, compreende-se que a pessoa com deficiência está assegurada contra “negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante”. A pesquisa se debruçou, desse modo, na busca da compreensão se este direito está assegurado na experiência dos discentes PAEE da UNIRIO (Questão 36 e 37). A esse respeito foi aberto um espaço para os discentes expressarem suas visões, dentre os quais 50% afirmou ter passado por situações que o constrangeram ou expuseram de alguma forma.

Eu fiz uma matéria e a professora, ela disse que iria passar um filme na semana seguinte. E eu falei pra ela, “professora, eu preciso de ajuda porque eu acredito que o filme seja legendado”, porque geralmente os filmes que passam na universidade são legendados, né? “E eu preciso de ajuda porque acredito que esse filme seja legendado, eu vou precisar que alguém descreva pra mim o filme”. E eu falei isso pela internet né? E eu... assim, fui lá e falei que eu precisava que alguém fizesse isso, e ela simplesmente me detonou assim, né? Ela respondeu, o meu e-mail, só que eu mandei e-mail pra ela, ela respondeu o meu e-mail pra turma inteira dizendo que, dizendo assim: “que alguns alunos estavam inventando desculpa pra não ir pra faculdade, que é o dia do filme e tal... que achavam, que estavam achando que o filme era bobeira, que era besteira e tal e que não é. Que todo mundo tinha que ir. E que tinham que parar de inventar desculpa pra não ir pra faculdade e quem não quisesse ir que não fosse, que o filme, ele seria parte da matéria da prova, e que quem não fosse que acabaria sofrendo as consequências”. E ela expôs isso pra turma, né? E aí eu fiquei muito triste, eu chorei muito, eu fiquei muito abalado. Pela forma como ela falou, como se fosse uma besteira eu querer um pouco de acessibilidade, lutar pelos meus direitos; eu querer estar em pé de igualdade com a turma em alguma medida [...] A universidade é um espaço a ser ocupado e eu tenho direito de ocupar aquele espaço enquanto aluno. (D1 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

Então teve uma disciplina, didática contemporânea, que foi bem chata a situação do professor... me expôs né, pelo fato dela não dar o ... não dar... quando eu falo suporte, é não dar atenção, não dar materiais adequados, não dar uma aula que atenda a todos. E se ela tem um aluno deficiente dentro de sala, ela tem que dar uma aula que atenda todos os alunos que tá ali, porque na universidade eles dizem que atende a todos, então ela tem que dar uma matéria, ela tem que estar pronta pra que aconteça o fato de ter um aluno deficiente pra ela poder atender ele como qualquer um. Então eu fiquei né, sem ver a matéria e ainda no final ela achou que eu estava errada de não ter falado pra ela... [...] E eu considero que foi uma agressão, né? Ela dizer que não sabia como lidar com o aluno faltando um dia pra acabar a matéria dela. (D5 - Deficiência Visual: Cegueira Total)

Foi lá na perícia né? Que eu me senti tipo, muito mal [...]Ele [o médico] falou que ele não considerava isso uma deficiência. E aí foi quando ele falou... aí foi quando ele falou que se ele ... ele só estava deferindo, porque eu iria entrar com recurso e ganharia na justiça. É, aí ele falou isso. [...] Eu saí de lá muito abalada porque assim, o olho está aqui, mas é tipo... é uma parada que eu não tenho, né? E aí foi isso. Mas aí eu falei, eu respondi. Eu falei que eu entraria com o recurso sim. Minha mãe ficou tipo ... foi no andar de cima assim, e aí minha mãe ficou no andar de baixo, na entrada né. E aí eu lembro que tipo assim, eu comecei a ter uma crise de ansiedade na hora (D7 - Deficiência Visual: Visão monocular)

A experiência discente no que tange a proteção à discriminação, revela uma realidade conflitante para metade dos discentes entrevistados. Apesar de 50% relataram nunca ter passado por nada nesse sentido, é necessária atenção com os outros 50% que afirmaram ter experimentado situações semelhantes. Dessa forma, a consideração pelos relatos aqui expostos pode servir de base para a criação de um ambiente mais inclusivo, levando a cabo a promoção dos direitos humanos a todos os indivíduos, a dignidade da pessoa humana e a redução das desigualdades; objetivos preconizados pelos fundamentos do Estado Democrático de Direito Brasileiro (BRASIL, 1988).

4. CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou compreender as ações efetivas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, na derrubada de barreiras com vistas à inclusão de discentes com deficiência nos cursos de graduação.

Compreende-se que a trajetória das pessoas com deficiência enquanto categoria social é marcada por apagamentos e exclusões históricas. No que se refere à educação, os direitos PcD foram arduamente conquistados através de diversas lutas sociais e políticas ao longo dos séculos. Surge a necessidade de se pensar a inclusão para além da educação básica, visto que a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, pressupõe transversalidade em todos os níveis educacionais.

Na educação superior, a educação especial se efetiva por meio de ações que promovam o acesso, a permanência e a participação dos alunos. Estas ações envolvem o planejamento e a organização de recursos e serviços para a promoção da acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos, que devem ser disponibilizados nos processos seletivos e no desenvolvimento de todas as atividades que envolvam o ensino, a pesquisa e a extensão. (BRASIL, 2007)

Desse modo, o presente trabalho buscou avaliar as políticas de inclusão de estudantes público-alvo da educação especial na UNIRIO em seus cursos de graduação presenciais, partindo da escuta dos que delas usufruem, os alunos PAEE da instituição.

Quando considerado exclusivamente o PAEE da UNIRIO, percebe-se que o quantitativo de estudantes alvo das políticas institucionais diferenciadas, não chega a 2% do total de estudantes da instituição. No entanto, de acordo com a presente pesquisa foi possível observar

que a experiência dos discentes entrevistados ainda apresenta contrastes com o que se compreende como ideal para uma trajetória educacional inclusiva.

As vivências relatadas sugerem superação de amplas barreiras até a chegada no Ensino Superior; no enfrentamento de capacitismo, machismo, racismo, bullying e todo tipo de negligência, inclusive no espaço escolar. As condições socioeconômicas são marcantes, visto que cerca de 41% dos entrevistados afirmaram possuir renda de até um salário mínimo e meio, egressos da rede pública de ensino.

O ingresso na Universidade traz um tônus de superação pessoal e validação para os discentes entrevistados. Os relatos trazem falas que traduzem essa ascensão a níveis educacionais mais altos como uma conquista muitas vezes inédita em sua própria família, pois alguns discentes são os primeiros a ter a oportunidade de ingressar no sistema público de ensino superior.

A UNIRIO desponta como esse espaço onde esse sonho por tornar-se ao mesmo tempo profissional e independente, se concretiza. É o ambiente que propicia por meio dos cursos, do nível acadêmico, da localização (elementos apontados pelos estudantes), que estes alcancem formação acadêmica de alto nível.

No entanto, apesar do apreço pela instituição, houve situações que fizeram com que os estudantes se sentissem desrespeitados em seus direitos durante sua trajetória educacional, as quais merecem atenção a fim de que os direitos previstos em lei sejam garantidos, e as pessoas com deficiência não sejam vítimas de quaisquer tipos de negligência, discriminação ou equivalente.

A análise das experiências dos estudantes aqui expostas evidencia a singularidade da vivência universitária a partir da visão da pessoa com deficiência. Seus apontamentos, sugestões e críticas devem ser considerados a fim de que seja possível criar um fazer universitário acadêmico que contemple a todos em suas singularidades.

Foi possível observar que a Universidade ainda precisa avançar nas ações na derrubada de barreiras de todos os gêneros, a fim de melhor atender seus estudantes com deficiência e promover um ambiente realmente inclusivo e equânime; pois como afirma o estudante entrevistado D1: “A universidade é um espaço a ser ocupado e eu tenho direito de ocupar aquele espaço enquanto aluno”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição Federal da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. MEC/SEESP, 2007.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de Agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112711.htm

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Glossário de Acessibilidade. [sem data]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/glossario.html>.

CASANOVA, J.R.; ARAÚJO, A.M.; ALMEIDA, L.S. (2020). Dificuldades na adaptação acadêmica dos estudantes do 1º ano do Ensino Superior. Revista E-Psi, 9(1), 165-181. 2020. Disponível em : <https://revistaepsi.com/artigo/2020-ano9-volume1-artigo11/>

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Paz e Terra, 9ª edição, Rio de Janeiro. 2018.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos Pesquisa, n.115, p. 139-154, 2002.

BALDIN, N; GONÇALVES, M. L.; ZANOTELLI, C. T.; CARELLI, M. N.; FRANCO, S. C. Fazendo Pesquisa: do Projeto à Comunicação Científica. 4.ed. Joinville, SC. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Superior 2021. Brasília: Inep, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-superior-graduacao>

JANUZZI, Gilberta de Martino. A Educação do Deficiente no Brasil: dos Primórdios ao Início do Século XXI. Autores Associados; 3ª edição, 2012.

MELLO, AG. Corpos (in)capazes: a crítica marxista da deficiência. Jacobin Brasil 2020 (n. esp.):98-102.

MINAYO, M. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2008.

PAPPÁMIKAIL, Lia. Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, vol. XX, 2010.

REICHERT, Claudete Bonatto; WAGNER, Adriana. Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, Rio de Janeiro, Ano 7. N. 3, 2007.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. O que é Universidade?. Editora Brasiliense. São Paulo, 1ª Edição, 1987.